

# A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS DO GLOBO TERRESTRE NA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC

Vanessa Pâmela TOMELIN<sup>1</sup>

Ana Paula Nunes CHAVES<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste texto, colocamos em discussão imagens do globo terrestre disseminadas pela revista *National Geographic* no período de 1970 até 2021. Intentamos refletir sobre concepções de mundo oriundas de narrativas visuais sobre o Planeta visibilizadas pelas imagens presentes no periódico e pensar essas concepções para a educação geográfica. Com base nos aportes teóricos de Denis E. Cosgrove e Verónica C. Hollman, partimos do pressuposto que as concepções de mundo geradas pelas narrativas presentes nas imagens implicam na educação geográfica, pois nos educam visual, cultural e geograficamente. Para realizar a investigação, identificamos 2.201 imagens do globo terrestre no periódico, dentre elas, fotografias, imagens de satélite e diversos tipos de desenhos. Esse conjunto de imagens foi organizado em quatro frentes analíticas e, neste texto, apresentamos a que origina uma concepção de mundo como nosso lar no Universo. São 177 imagens dentre o total que se referem a Terra como o nosso lugar, e que o mostram como a) um lar único, em que há vida; b) um lar cercado por tecnologias e olhares artificiais; c) um lar que precisa de proteção, pois é frágil, vulnerável, finito em seus recursos. Observamos em tais concepções a perpetuação de conhecimentos sobre o Planeta já difundidos e sedimentados ao longo das últimas décadas e que o uso das imagens pode incentivar a reprodução de discursos dominantes sobre o mundo e o fortalecimento de narrativas hegemônicas.

**Palavras-chave:** Educação geográfica. Narrativas visuais. Concepções de mundo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

<sup>2</sup> Docente no Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

## EDUCATION THROUGH IMAGES OF THE EARTH GLOBE IN THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE

### ABSTRACT

In this text, we discuss images of the globe disseminated by National Geographic magazine from 1970 to 2021. We intend to reflect on conceptions of the world arising from visual narratives about the Planet made visible by the images present in the periodical and think about these conceptions for geographic education. Based on the theoretical contributions of Denis E. Cosgrove and Verónica C. Hollman, we assume that the conceptions of the world generated by the narratives present in the images imply geographical education, as they educate us visually, culturally and geographically. To carry out the investigation, we identified 2,201 images of the globe in the periodical, including photographs, satellite images and various types of drawings. This set of images was organized into four analytical fronts and, in this text, we present the one that gives rise to a conception of the world as our home in the Universe. There are 177 images out of the total that refer to Earth as our place, and that show it as a) a unique home, in which there is life; b) a home surrounded by technologies and artificial looks; c) a home that needs protection, as it is fragile, vulnerable, and finite in its resources. We observe in such conceptions the perpetuation of knowledge about the Planet that has already been disseminated and consolidated over the last few decades and that the use of images can encourage the reproduction of dominant discourses about the world and the strengthening of hegemonic narratives.

**Keywords:** Geographic education. Visual narratives. Conceptions of the world.

## 1 NOTAS INICIAIS

As imagens acabam por ocupar uma posição de relevância no contexto das narrativas que produzimos e reproduzimos em sala de aula, desde a conjuntura das atividades de ensino até na visibilidade alcançada pelos meios de comunicação utilizados no nosso dia a dia. Por vezes, o uso de uma única imagem em aula dispensa recorrermos a outros recursos pedagógicos (textos, músicas, experiências em laboratório etc.) para se chegar onde se deseja: que o estudante apreenda e domine certo conhecimento.

No bojo da crescente incidência dos recursos imagéticos nos mais diversos suportes de visualização, de sua manifesta importância e de sua vasta utilização, estes se configuram como centrais na produção e na difusão do conhecimento geográfico, uma vez que esta área do conhecimento está constituída por um corpo de imagens que a torna um discurso visual do mundo (Rose, 2013).

Partimos da prerrogativa de que concepções de mundo se constroem a partir de narrativas visuais visibilizadas por imagens e implicam diretamente na educação geográfica, pois “[...] as imagens intervêm na conformação de um sentido comum geográfico, e [...] moldam as formas de entender o mundo em determinado momento histórico e contexto geográfico” (Cosgrove, 2008 apud Hollman, 2007, p. 130 – tradução nossa). Ademais, a partir da pesquisa de Chaves (2020), consideramos que as imagens colaboram na educação de nosso olhar: nos conduzem a ver, a ler e a compreender o mundo a partir de determinadas perspectivas.

Cosgrove (1994, 2001) pontua que as imagens do globo terrestre, por exemplo, conservam grande valor para a ciência geográfica, já que essas dão a ver justamente seu objeto de estudo: o Planeta Terra em escala global. O amplo rol de recursos imagéticos que se vale do globo terrestre dá-se em função da publicação de fotografias do Planeta Terra capturadas na conjuntura do Programa *Apollo*, de 1961 a 1975, pela Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço – NASA, a Agência Espacial estadunidense. As imagens do globo terrestre, assim, configuram-se de grande importância para a educação e estão entre as imagens que embasam o conhecimento, podendo repercutir “na configuração dos imaginários geográficos e de uma memória geográfica” sobre o mundo (Hollman, 2014, p. 62 – tradução nossa). Nesse sentido, consideramos que são recursos extremamente valiosos para a educação geográfica, especialmente a que se desenvolve nos espaços formais de Educação Básica, e sua análise é indispensável, uma vez que são ferramentas que

permitem a articulação de conceitos, noções, conteúdos e conhecimentos geográficos trabalhados em sala de aula com uma representação visual do mundo e auxiliam os estudantes na compreensão e na percepção da espacialização/distribuição de elementos, fenômenos, dinâmicas e relações que se dão na superfície terrestre.

Considerando os diversos suportes de visualização que deram e dão a ver a imagem do globo terrestre, elegemos a revista *National Geographic* como lócus para a realização da presente pesquisa. Tal escolha levou em conta que a *National Geographic* é uma das mais proeminentes revistas em circulação no cenário mundial na atualidade. No decorrer de seus mais de 130 anos de existência, teve seu público expressivamente acrescido, chegando hoje a aproximadamente 50 milhões de assinantes em todo o mundo, com seus conteúdos veiculados em pelo menos 32 idiomas. Além disso, desde o início do século passado, a *National Geographic* adotou o uso expressivo de representações visuais em suas capas, artigos, reportagens e nas propagandas que dissemina. Conforme ressalta Souza (2010, p. 8): “as imagens, ilustrações e fotografias que não eram componentes frequentes nas primeiras edições vão progressivamente ganhando mais espaço”. Nesse contexto, inclusive, a fotografia “que desde 1905 se tornara numa referência desta publicação, é reconhecida como principal trunfo do seu sucesso (Souza, 2010, p. 8).

Diante da problemática anunciada, do papel das imagens na educação de nossas miradas e da condição privilegiada de vasto alcance mundial de certos veículos comunicacionais, consideramos que a *National Geographic*, por sua larga repercussão e reverberação, é um veículo potente que nos educa sobre o mundo, seus espaços, paisagens e culturas. Assim, nosso trabalho busca lançar um olhar atento às imagens do globo terrestre disseminadas pela revista, no período de 1970 até 2021, num percurso que abarca, sobretudo, a identificação de discursividades sobre os espaços do Planeta em narrativas visuais derivadas das imagens do globo. Presumimos que as imagens divulgadas nos exemplares da revista atinjam leitores em todo o mundo e, nesse contexto, integram o arcabouço de recursos imagéticos de professores que atuam nos mais diversos níveis de educação formal e, inclusive, que promovem a educação geográfica. Além disso, com base nos aportes teóricos de Denis E. Cosgrove e Verónica C. Hollman, pressupomos que as concepções de mundo geradas pelas narrativas presentes nas imagens implicam na educação geográfica, pois nos educam visual, cultural e geograficamente.

Nesta escrita, temos por objetivo refletir e analisar sobre as concepções de mundo oriundas de narrativas visuais sobre o Planeta visibilizadas pelas imagens presentes na revista *National*

*Geographic* e pensar essas concepções para a educação geográfica. Para realizar a investigação, identificamos 2.201 imagens do globo terrestre no periódico, dentre elas, fotografias, imagens de satélite e diversos tipos de desenhos. Esse conjunto de imagens foi organizado em quatro frentes analíticas e, neste texto, apresentamos a que origina uma concepção de mundo como nosso lar no Universo. São 177 imagens, dentre o total de 2.201, que se referem a Terra como o nosso lugar e que o mostram como a) um lar único, em que há vida; b) um lar cercado por tecnologias e olhares artificiais; c) um lar que precisa de proteção, pois é frágil, vulnerável, finito em seus recursos.

Trata-se de uma investigação exploratória documental, que efetivou-se metodologicamente por meio de uma leitura arqueogenealógica das imagens disseminadas nos exemplares das décadas de 1970 até 2021. A arqueogenealogia empreendida pautou-se no procedimento analítico de Michel Foucault (1996, 2006, 2008) e refere-se a um modo de dirigir-se a arquivos documentais e analisar seus elementos. Fazendo uso do procedimento, é possível tecer-se uma releitura dos dados por meio da identificação de padrões, semelhanças, distinções, lacunas, vestígios de histórias e nuances que sugerem e expõem narrativas. Outras interpretações, nesse sentido, são tecidas nesse movimento de observação que envolve múltiplos retornos ao arquivo, num trabalho de “imersão e mergulho profundo em suas águas” (Farge, 1989).

O trabalho está estruturado de forma a expor, inicialmente, estudos progressos de autores que centraram-se em imagens do globo terrestre e as relacionam com a Geografia como área do conhecimento. Num segundo momento, com o intuito de contribuir e avançar em investigações que tratam das imagens do globo terrestre em articulação com a Geografia e a educação geográfica, partimos a descrição e análise das imagens veiculadas pela revista *National Geographic*. Ademais, apresentamos reflexões a respeito das narrativas visuais identificadas, as concepções de mundo que entendemos que originam e as possíveis implicações quando do uso desses recursos imagéticos, especialmente no âmbito da educação em Geografia.

## **2 O GLOBO TERRESTRE EM FOCO**

Denis Edmund Cosgrove, geógrafo britânico, discorre sobre imagens do globo terrestre e as coloca em articulação com a Geografia em pelo menos três momentos de sua produção teórica nos anos de 1994, 2001 e 2010. Na primeira ocasião, Cosgrove (1994) analisa as principais imagens

da Terra produzidas no Programa *Apollo*, coordenado pela Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço – NASA, no período de 1961 a 1975. Das Missões que compuseram o Programa, Missão *Apollo 1* à Missão *Apollo 17*, surgiram as primeiras fotografias da Terra inteira obtidas a partir de testemunhas oculares humanas fora da órbita terrestre. Desde então, tais imagens que capturaram a Terra em sua completude esférica ganharam popularidade e foram intensamente reproduzidas. Cosgrove busca descrever e discutir as principais interpretações a respeito do Planeta que acudiram na mídia após a divulgação de *Earthrise* (Figura 1) – fotografia tirada a partir da órbita lunar na Missão *Apollo 8*, no ano de 1968, e *The Whole Earth* (Figura 2) – fotografia capturada na última missão tripulada que objetivava a exploração da Lua - Missão *Apollo 17*, realizada em 1972.

No contexto do estudo de 1994, a abordagem de Cosgrove girou em torno dos pressupostos culturais e históricos do mundo ocidental global que influenciaram as diferentes interpretações que surgiram e, nessa via, sustentou que as fotografias do globo terrestre se configuram como o legado mais duradouro do Programa *Apollo*. A relevância de tais imagens, embora tenham recebido atenção limitada dentro da Geografia, deve-se principalmente ao fato de seu alcance global, pois têm sido amplamente usadas como ilustrações de capa para textos e periódicos em todo o mundo. Para o autor, as fotografias *Earthrise* e *The Whole Earth* foram significativas para construir uma imaginação geográfica contemporânea do Planeta Terra.



**Figuras 1 e 2 - *Earthrise* – Missão *Apollo 8* e *The Whole Earth* – Missão *Apollo 17*.**

Fonte: *National Geographic*, exemplares dos anos de 1985 e 1973.

Com relação às interpretações sobre o Planeta Terra que se deram a partir das imagens, o autor sustenta que foram produzidas a partir de especialmente duas linhas de pensamento, como segue:

[as fotografias do Planeta Terra] situam-se ambigualmente entre duas construções textuais: o unimundismo progressivo do modernismo americano tardio e um ambientalismo de toda a Terra que, embora historicamente enraizado, é um aspecto tão significativo da cultura pós-moderna (Cosgrove 1990; Oelschlaeger 1991). Embora essas duas construções se oponham uma à outra, elas emergem de um estoque comum de atitudes culturais em relação ao papel geopolítico da América (Cosgrove, 1994, p. 17 – tradução nossa).

Nesse sentido, “fundamentalmente, as imaginações geográficas que ambas as leituras articulam são obstinadamente ocidentais e etnocêntricas” (Cosgrove, 1994, p. 20 – tradução nossa), ou seja, “baseiam e estendem ideias de territorialidade humana que têm profundas raízes históricas, geográficas e culturais no imaginário ocidental” (Cosgrove, 1994, p. 21 – tradução nossa).

Anos à frente, em 2001, Cosgrove retoma os estudos a respeito das imagens da Terra esférica - as representações gráficas do globo terrestre. O autor explica que se propôs a produzir tal investigação depois de ser incumbido de realizar uma leitura geográfica a respeito de uma exposição fotográfica que continha imagens do globo terrestre provenientes de satélites artificiais. Tal demanda, que lhe pareceu simples de início, configurou-se como uma tarefa consideravelmente difícil quando se deu conta da profundidade histórica e da complexidade cultural que envolvem a forma e as representações gráficas da Terra. Conforme expõe (Cosgrove, 2001, p. IX – tradução nossa), a inquietação de compreender “quais foram as implicações históricas para o ocidente de conceber e representar a Terra como um corpo unitário e regular de forma esférica” lhe serviu de impulso para realizar o estudo.

Em 2001, o autor lembra que os seres humanos, presos à Terra, não possuem condições de visibilizar fisicamente o Planeta na sua inteireza e que tal feito se efetivou, literalmente, apenas recentemente (no fim do século XX), a partir, principalmente, das tecnologias desenvolvidas para a execução do Programa *Apollo*. Apesar disso, em sua imaginação, o homem pode (e sempre pôde) apreendê-lo por inteiro. Desta forma, “testemunhar o globo culmina uma longa genealogia de imaginar e refletir sobre a possibilidade de fazê-lo (Cosgrove, 2001, p. IX – tradução nossa). Tal genealogia é o que o autor se dispõe a fazer, atendo-se especialmente à imaginação ocidental.

Ao longo de sua abordagem, Cosgrove (2001) sustenta importantes noções, como quando assinala que “a globalização é uma ideia motriz do nosso tempo” e que é de representações gráficas do globo terrestre, ou melhor, “das imagens da Terra esférica que as ideias de globalização retiram sua força expressiva e política” (Cosgrove, 2001, p. IX – tradução nossa). Partindo da noção de

que “a globalização contemporânea é ocidental em suas origens” (Idem, p. IX – tradução nossa), o autor busca “revelar as raízes profundas do pensamento global contemporâneo e reconhecer algo da rica e complexa tradição cosmográfica na qual a imaginação geográfica de hoje está enraizada” (Cosgrove, 2001, p. XII - tradução nossa).

A fim de cumprir esse objetivo, Cosgrove problematiza “as imagens do globo e de toda a Terra à medida que construíam e comunicavam a distinta mentalidade ocidental que está por trás das reivindicações universalistas contemporâneas” (Idem, 2001, p. X – tradução nossa). Tal motivação em debruçar-se sobre essas imagens se dá, também, uma vez que entende que “o globo é reconhecido por meio de suas representações. E as representações têm agência para moldar a compreensão e a ação adicional no próprio mundo” (Cosgrove, 2001, p. X – tradução nossa).

Já em 2010, as imagens do globo terrestre são mais uma vez alvo do olhar do geógrafo, quando propõe-se a discorrer sobre a evolução da visão aérea da superfície da Terra e de suas paisagens, perspectiva a que chama “visão do Olho de Deus” (Cosgrove, 2010, p. 8 – tradução nossa). É válido registrar que logo no início desta obra o autor assinala a importância que a fotografia aérea, principal recurso imagético que aborda para falar da visão do alto, possui para a ciência geográfica. Para Cosgrove (2010, p. 9 – tradução nossa), tal tipo de imagem contém uma espécie de prerrogativa de “criar geografias”, pois o que “talvez faça melhor, e o que compartilha com o mapa, é estabelecer um contexto para características individuais do solo, colocá-las em relação umas com as outras e, com uma topografia mais ampla, revelar padrões aos olhos”.

Nesta mesma obra, o autor apresenta uma leitura do que seriam, na sua ótica, as imaginações geográficas: “a capacidade de retratar lugares [...]” (Cosgrove, 2010, p. 11 – tradução nossa), e:

um dos nossos métodos mais básicos de transformar o espaço em lugar – ou seja, em locais e ambientes conhecidos e significativos. É também uma habilidade de navegação fundamental, essencial à sobrevivência. [...] Apesar da variação bastante dramática das paisagens naturais e culturais, que podem nos desorientar e nos deixar desconfortáveis, somos capazes de funcionar efetivamente em uma surpreendente variedade de ambientes diversos, em grande parte por meio da capacidade de retratar o espaço, ou, em outras palavras, de ‘mapa’ (Cosgrove, 2010, p. 11 – tradução nossa).

As imaginações geográficas são, assim, fruto de nossa capacidade mais ampla de imaginar, de uma habilidade que desenvolvemos, ainda quando pequenos e ao longo da vida, de “ver o espaço a partir de uma infinidade de pontos de vista imaginados” (Cosgrove, 2010, p. 11 – tradução nossa).

Tal relação já havia sido apresentada pelo autor na obra publicada em 2001, onde ressalta que,  

---

Geingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 16, n. 1, p. 265-287, 2024  
ISSN 2175-862X (on-line)

ainda que a Terra tenha sido testemunhada fisicamente em sua completude por olhos humanos, apenas recentemente (na segunda metade do século XX), há muito já era imaginada, em sua inteireza, pelo homem.

A abordagem de 2010, no entanto, perpassa especialmente a coevolução das fotografias e do voo humano, que considera “inextrincável” e “que produziria uma forma dominante de ver e retratar o mundo moderno dos séculos XX e XXI” (Cosgrove, 2010, p. 8 e 9 – tradução nossa). Para tanto, o autor cita a *National Geographic Society* como uma das instituições responsáveis pela popularização de fotografias com vista aérea e, a partir da década de 1920, a mesma se tornaria um importante patrocinador das expedições fotográficas que objetivam a captação de registros da superfície terrestre tomados do alto, incluindo o imageamento de áreas inóspitas. Além disso, imagens aéreas provenientes de tais expedições, e de propriedade da *National Geographic Society*, se configuram com tal importância ao longo da história que chegaram a ser disponibilizadas às Forças Armadas estadunidenses e consideradas recursos estratégicos valiosos especialmente na conjuntura da Segunda Guerra Mundial.

Diante da popularização das imagens do globo terrestre para os estudos geográficos, Verónica Carolina Hollman, inspirada nos trabalhos de Cosgrove, utiliza imagens do globo terrestre para exemplificar uma proposta de análise de imagens. A autora se vale de representações gráficas do globo terrestre e problematiza as reapropriações de *Earthrise* e *The Whole Earth*. As imagens investigadas por Hollman (2014) fazem parte da revista *Viva*, periódico argentino que possui certas semelhanças à *National Geographic*, uma vez que também busca dar visibilidade a temas relacionados à conservação ambiental do Planeta. Para a geógrafa, as imagens serviriam a sustentar, sobretudo, discursos de ordem ambiental.

Inicialmente, a autora retoma as duas fotografias do globo do Programa *Apollo*, *Earthrise*, de 1968, e *The Whole Earth*, de 1972, e afirma que “essas duas imagens têm sido utilizadas em numerosas campanhas ambientais ao ponto de converterem-se em ícones da causa ambiental” (Hollman, 2014, p. 69 – tradução nossa). Em seguida, lembra a pesquisa de Cosgrove (de 1994) centrada na descrição minuciosa dessas imagens e na análise das diferentes narrativas a respeito do Planeta que emergiram na mídia após as suas publicações. Para a autora (2014, p. 69 e 70 – tradução nossa), “esses textos apresentavam a fotografia como prova irrefutável: a Terra é assim tal como a vemos” e, além disso, “construíam uma retórica de paz e harmonia da Terra como unidade e da fraternidade da humanidade”. Explica, que especialmente a partir de 1970 essas imagens passaram a

surgir nas mídias escritas relacionando-se com outras temáticas, ou melhor, a variadas problemáticas atreladas, sobretudo, ao meio ambiente e à qualidade de vida dos seres humanos. Nesse contexto, outras interpretações a respeito do Planeta começaram a aparecer: “a Terra como um organismo vivo e, assim, regida por leis de ordens biológicas, mas também como um lugar único, pequeno, refúgio da vida, frágil, finito e solitário” (Hollman, 2014, p. 70 – tradução nossa). Ademais, afirma que esses registros visuais da Terra inteira passaram a ser reapropriados em muitos outros contextos e sofreram alterações de ordem estética, adaptações e reformulações mais ou menos expressivas.

No caso específico da revista *Viva*, Hollman (2014) assinala que identifica quatro tipos de reapropriações de imagens do globo terrestre que acompanhavam publicidades. Essas reapropriações sugerem, na ótica da autora: 1) a demonstração de credenciais ambientais de empresas; 2) a demonstração do espaço empresarial [espaço global, alcance global etc]; 3) para mostrar atributos ou virtudes de produtos; 4) como selo de identidade [as imagens surgem como uma espécie de logomarca de empresas e/ou produtos]. A partir de tais reapropriações identificadas no periódico, estas conectam-se à memória visual atinente a questões de ordem ambiental, mas que servem também a outras temáticas. As retóricas a que se relacionam, por sua vez, emergem dos elementos textuais que acompanham as imagens. Por fim, Hollman destaca a importância do entorno linguístico para uma análise das imagens do globo nas publicidades, uma vez que títulos, subtítulos e textos que acompanham as imagens podem guiar e orientar a forma que a vemos e interpretamos.

Outra interpretação da autora diz sobre o desprendimento e a reapropriação das imagens em novos contextos, ou melhor, reapropriações em contextos diferentes do que as imagens se encontravam em suas origens. Para sustentar sua abordagem a autora recorre, mais uma vez, a imagens do globo terrestre, particularmente a *Earthrise*, além de outras imagens que se relacionam com discursos ambientais. Desta seção do texto, resultam importantes reflexões como a de que as “imagens circulam, se instalam em novos contextos – outros suportes, entornos linguísticos e composições – e se oferecem a ser miradas de maneiras diferentes” (Hollman, 2014, p. 76 – tradução nossa), ou seja, desprendem-se de suas conjunturas originárias. Esse desprendimento, por sua vez, junto das novas montagens nas quais podem deflagrar-se as imagens, possibilitaria “[...] uma maior autonomia e potência a imagem em si mesma” (Hollman, 2014, p. 77).

À vista do exposto por Denis Edmund Cosgrove e Verónica Carolina Hollman nas pesquisas realizadas com o globo terrestre, e com o intuito de contribuir e avançar em investigações que tratam das imagens do globo terrestre em articulação com a Geografia e a educação geográfica, partimos às imagens veiculadas pela revista *National Geographic*. Conforme aponta Chaves (2020), as imagens educam o nosso olhar e nos educam em como ver e no que estamos autorizados a ver, naquilo que visibilizam e, por vezes, invisibilizam. Buscamos, assim, entender como o periódico exerce essa educação sobre o nosso olhar para o mundo, por meio das representações gráficas do globo terrestre.

### **3 AS IMAGENS DO GLOBO TERRESTRE NA REVISTA *NATIONAL GEOGRAPHIC***

Para percorrer o caminho investigativo proposto nesta escrita, empreendemos uma leitura arqueogenealógica das imagens do globo terrestre na revista *National Geographic*, entre as décadas de 1970 e 2021, lastreada em Michel Foucault (1996, 2006, 2008). O procedimento configura-se como uma forma de endereçar-se aos arquivos documentais e explorá-los para uma interpretação outra a respeito dos elementos que os constituem. A leitura, ou releitura dos dados, nesse sentido, efetiva-se por meio de percepções que emergem quando realizados os movimentos das primeiras observações, das intervenções empreendidas – a exemplos das seleções feitas das categorizações construídas, e dos repetidos retornos aos arquivos para novas observações. Nesse contexto, possibilita-se que os dados extravasem vestígios de histórias e exponham indícios de narrativas sobre os assuntos com os quais se relacionam. Em outras palavras, o procedimento abarca operações em direção aos arquivos que quando realizadas possibilitam entendimentos outros sobre elementos já dispostos em seus interiores. Nas palavras de Farge (2009, p. 64), são gestos que fabricam “um objeto novo, constitui-se uma nova forma de saber, escreve-se um novo arquivo”.

A escolha do procedimento deu-se em função de que almeja-se refletir e analisar sobre as concepções de mundo oriundas de narrativas visuais sobre o Planeta visibilizadas pelas imagens presentes no periódico e pensar essas concepções para a educação geográfica. A arqueogenealogia, nessa via, serve como esteio para o deslindar de percepções sobre o conteúdo das imagens e das narrativas visuais que expõem, e, conseqüentemente, para a reflexão a respeito das concepções de mundo que originam e suas implicações, já que permite a observação, a seleção e a categorização

destas em grupos, que neste caso são tomados como frentes analíticas. Ademais, entendemos que o procedimento possibilita uma análise em formato semelhante a tecida por Hollman (2014), quando discute as imagens do globo terrestre veiculadas pela revista argentina Viva, por meio de observações, seleções e categorizações construídas a partir de suas percepções.

Na conjuntura dos grandes conglomerados de mídia atuais, a revista *National Geographic* é considerada uma das mais proeminentes revistas em circulação no cenário mundial. O periódico provém da *National Geographic Society*, fundada em 1888 em Washington (EUA), e surge com o intento de aumentar e difundir o conhecimento geográfico nos Estados Unidos da América e em todo o Planeta (Souza, 2010). Com o passar dos seus aproximadamente 130 anos de comercialização, teve seu público intensamente ampliado e seus conteúdos passaram a abordar uma vasta gama de temáticas vinculadas, sobretudo, à exposição de características do Planeta Terra. Nesse contexto, o periódico expõe atributos e particularidades do nosso mundo em abordagens frequentemente ancoradas numa perspectiva físico-geográfica.

A pesquisa foi realizada no banco de dados da revista *National Geographic* onde foram identificadas e selecionadas 2.201 imagens do globo terrestre publicadas no período estudado. Dentre elas, figuram fotografias, imagens de satélite e variados tipos de desenhos. Após observação minuciosa dos conteúdos desse quantitativo de imagens (2.201), em um movimento arquivístico em busca, sobretudo, da percepção de semelhanças que exponham narrativas visuais sobre o mundo, o quantitativo total de imagens foi organizado/categorizados em quatro grupos, que se referem a quatro narrativas visuais identificadas, ou seja, quatro frente analíticas: 1- um mundo que pode ser apreendido (visto, conhecido, admirado e explorado) através da *National Geographic Society*; 2- um mundo que pode ser visualizado e compreendido por meio de imagens cartográficas, mapas e desenhos que apresentam a localização de dinâmicas (elementos, eventos, fenômenos) no Planeta; 3- um mundo globalizado, onde tanto produtos, serviços e empresas ultrapassam as fronteiras dos países nos quais se originam e chegam a outras partes do mundo; 4- um mundo que é o nosso lar no Universo, que é a nossa casa, o lugar e o substrato no qual vivemos e nos desenvolvemos. Neste texto, propomos discorrer sobre o último grupo criado, que possui 177 imagens do globo terrestre que narram o Planeta como o nosso lar no Universo, como a nossa casa, o lugar e o substrato no qual vivemos e nos desenvolvemos.

Nesse conjunto de imagens, foram identificadas três ênfases de narrativas visuais sobre o mundo. Desta forma, as 177 imagens foram subgrupadas de acordo com a visão de mundo que

denotam, levando em conta que todas elas fazem referência a Terra como o nosso lar no Universo. A primeira ênfase refere-se ao Planeta Terra como um lar único, onde há vida; a segunda trata do Planeta Terra como um lar cercado por tecnologias e envolto por olhares artificiais; e a terceira narrativa sugere que o Planeta Terra é um lar a ser protegido, frágil, vulnerável, finito em seus recursos.

A primeira delas sugere a ideia de um lar único, singular no Universo. Não haveria, assim, outra casa planetária como a Terra. Diante de sua unicidade, de sua singularidade e de suas particularidades, o Planeta configura-se como um lar de vida em suas diversas formas.

As imagens que sugerem essa noção de unicidade e de abrigo da vida reúnem representações gráficas do globo terrestre que trazem imagens que visibilizam o Planeta Terra como um lar que faz parte de um todo maior: o Universo, ou o Cosmos. Nesse todo, o nosso lar apresenta determinadas características em relação a outros corpos astronômicos que o diferenciam, o singularizam no seu ambiente externo e o colocam numa condição específica no Universo. São situações que o relacionam à Via Láctea e ao Sistema Solar (Figura 3).



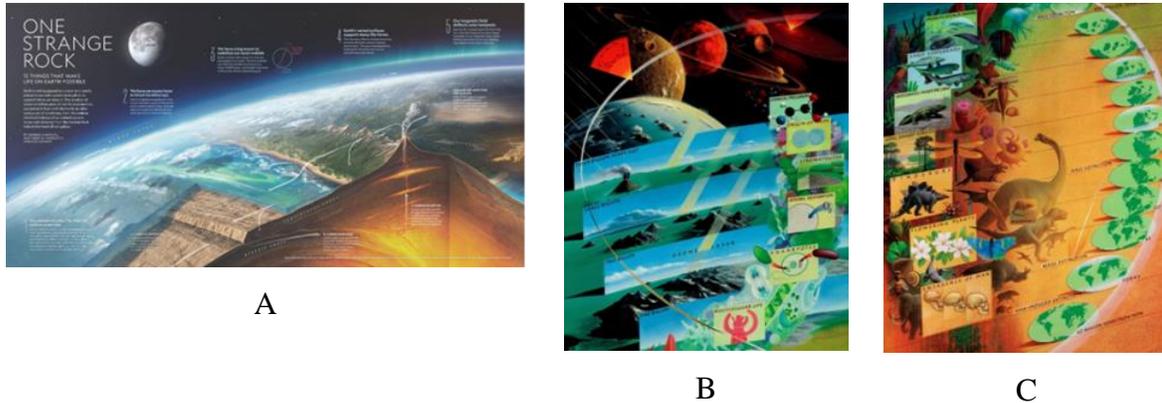
**Figura 3 - O Planeta Terra no Universo.**

Fonte: *National Geographic*, exemplares dos anos de 2018 e 1981.

O Planeta Terra seria, assim, uma porção do Universo, uma parte do todo que possui certas particularidades. Ainda que em alguns aspectos possa se assemelhar, por exemplo, a outros planetas, o Planeta Terra é exposto como um lar possuidor de atributos, principalmente relacionados com a sua posição/localização, com a sua dimensão e com características de seu entorno que o tornam único na imensidão do Cosmos.

Nesse conjunto de imagens agrupamos também as representações gráficas do globo que visibilizam o Planeta Terra como um lar capaz de abrigar diversas formas de vida. As imagens

expõem particularidades mais específicas do Planeta Terra, sobretudo, características de seu interior (Figura 4A) que o permitem gerar e desenvolver a vida. Assim, mostram de sua composição (elementos constituintes e forças atuantes), sua estrutura interna, superficial e atmosférica, suas dinâmicas (atuais e pregressas), momentos de sua origem/formação e evolução/transformação (Figuras 4B e C), até o surgimento da vida.



**Figura 4 - O Planeta Terra – características internas, origem e transformações.**

Fonte: *National Geographic*, exemplares dos anos de 2018, 1985 e 1985.

Tanto as imagens que expõem atributos do Planeta Terra em relação a um todo maior, o Universo, e que o comparam e relacionam a outros corpos astronômicos que compõem o Cosmos, quanto as que visibilizam aspectos específicos de seu interior, superfície e adjacências, explicitam um lar único, singular, possuidor de determinadas particularidades que permitem que nele haja vida, em suas diversas formas. São imagens que, ainda que distintas entre si, são interpretadas como recursos imagéticos detentores da mesma prerrogativa de conduzir o leitor a vislumbrar o Planeta Terra como uma casa. Em grande parte, o visibilizam inteiro, em sua forma arredondada/esférica, e sugerem que se trata do lugar de muitos, ou melhor, de toda a humanidade.

A segunda ênfase de narrativa visual ensejada na tônica do Planeta Terra como nosso lar visibiliza um lugar cercado por tecnologias e que é envolto por olhares artificiais. Esse conjunto de imagens sugere que há uma grande quantidade e variedade de tecnologias no entorno do Planeta, e que a cada ano esse montante é acrescido de novos objetos/equipamentos, cada vez mais modernos e repletos de funções e finalidades, entre as quais figura o *imageamento* ininterrupto de todo o globo.

A interpretação e categorização desse segundo conjunto de imagens deu-se em consequência de uma busca por uma observação das imagens do globo terrestre que levasse em conta um viés cronológico, ou seja, as alterações desse objeto de estudo com o passar dos anos. Com esse objetivo, foi possível observar com clareza, por meio do que visibilizam as imagens quando ordenadas por ano de publicação, a gradual intensificação da quantidade de objetos/equipamentos tecnológicos no entorno do nosso Planeta. A percepção de que hoje vivemos em um lar ostensivamente vigiado por olhares artificiais, ou seja, por lentes que acoplam as diferentes tecnologias postas no entorno da Terra e que navegam espaço afora também se fez possível. São equipamentos tecnológicos no entorno do Planeta (Figura 5A), uma capa que sugere que a Terra é ostensivamente vigiada por satélites artificiais (Figura 5B), ou mesmo uma reportagem que abarca duas páginas por completo da grande quantidade de tecnologias e, conseqüentemente, lixo espacial que a circundam (Figura 5C).



**Figura 5 - O Planeta Terra – um lar cercado por tecnologias e envolto por olhares artificiais.**

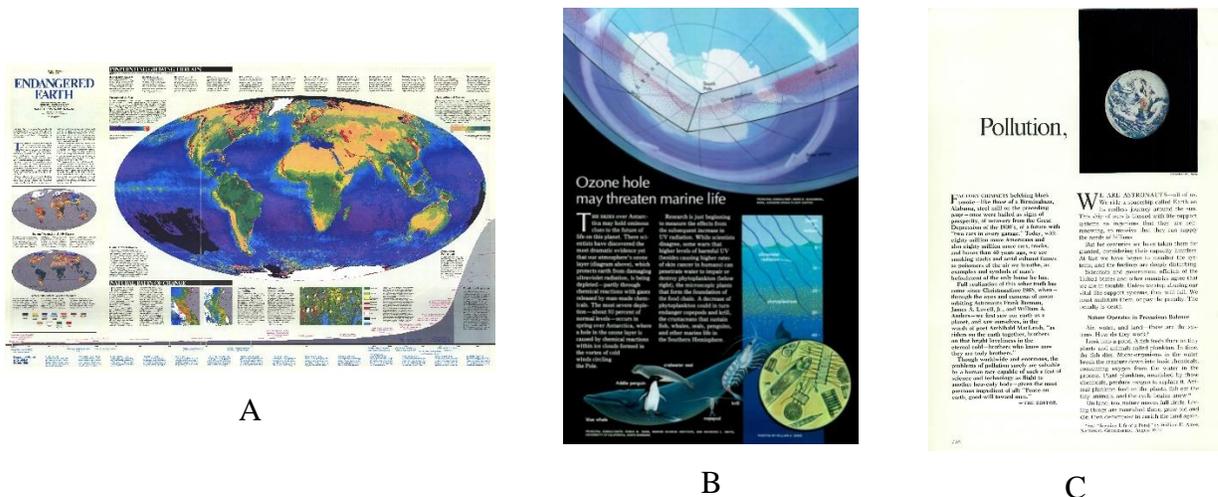
Fonte: *National Geographic*, exemplares dos anos de 2012, 2018 e 2010.

A terceira ênfase de narrativa visual expõe um lar que necessita de proteção, já que é frágil, vulnerável, finito em seus recursos. Essa noção ecoa de um montante de imagens do globo terrestre que são apresentadas a fim de visibilizarem, sobretudo, problemas que acometem o nosso Planeta. As imagens ecoam narrativas catastróficas acerca da gradual perda de qualidade de vida dos seres humanos, da extinção da vida na Terra e, até, no desaparecimento do Planeta.

As imagens que conservam esse teor foram identificadas nas seis décadas analisadas e expõem, em cada uma delas, temáticas que se relacionam com a necessidade de proteção do Planeta. Desta forma, as imagens narram questões de ordem ambiental, principalmente

relacionadas com a indispensável manutenção dos recursos naturais e a necessária recuperação do meio natural já degradado. Um exemplo constante é a temática associada à recuperação da qualidade do ar, que em muitas regiões do Planeta já possui índices de poluição alarmantes.

Nesse contexto, figuram imagens do globo que trazem à baila diversos temas atrelados a problemas identificados no Planeta (Figura 6A), como o aquecimento global o derretimento das geleiras, o aumento do nível dos mares e suas consequências, o buraco na camada de ozônio e a ameaça a vida terrena e aquática (Figura 6B) pela incidência acentuada de raios solares (raios ultravioletas), a poluição das terras emersas, das águas e atmosfera pelo despejo de resíduos tóxicos e pela emissão de diversos gases poluentes (Figura 6C), como o Dióxido de Carbono (CO<sub>2</sub>). Os percentuais preocupantes de supressão de vegetação, a ocorrência de chuvas ácidas, entre outras questões de ordem ambiental que ameaçam o Planeta, a qualidade e permanência de todas as formas de vida na Terra também estão presentes nesse grupo. Além desses fatores de ordem ambiental, outros correlatos como o adensamento populacional no mundo e as projeções de explosões [populacionais], o risco que o Planeta corre em ser atingido por asteroides e explosões solares foi pauta de alguns exemplares.



**Figura 6 - O Planeta Terra – um lar ameaçado, que precisa de proteção.**

Fonte: *National Geographic*, exemplares dos anos de 1988, 1990 e 1970.

As narrativas desse último grupo dão ênfase à finitude dos recursos naturais, à fragilidade e à vulnerabilidade do nosso lar. As imagens denotam que a existência [e inexistência] de formas vida e do próprio Planeta Terra depende de nós nos conscientizarmos de que trata de um lugar que

precisa de proteção, de cuidados, de manutenção de seus recursos, de ações em pequena e grande escala que ecoem direta e indiretamente nesses propósitos.

Conferimos, assim, que a publicidade alcançada pelas imagens da revista *National Geographic* acaba por perpetuar uma determinada representação visual sobre o Planeta Terra. Tendo em conta o que afirma Chaves (2020 p. 4), que as imagens atuam “enquanto documento e janela para conhecermos o mundo”, e refletindo sobre as ênfases de narrativas visuais sobre o mundo identificadas quando da observação das imagens do globo terrestre, entendemos que passamos a conceber o mundo a partir dessas três perspectivas específicas. A primeira, que diz de um lar único no Universo, capaz de abrigar a vida, em suas diversas formas conhecidas, e que isso se deve às suas particulares características. A segunda, que induz-nos a construir a visão de que se trata de um lar que é envolto por variados tipos de modernas tecnologias. Desta forma, inferimos que é um lar onde a tecnologia se faz intensamente presente e que muitos investimentos são despendidos nesse sentido. No bojo dessa noção, somos conduzidos ainda a compreender que esse lar em que vivemos é, através dessas tecnologias postas no espaço, constantemente visto, observado, vigiado por olhares artificiais, lentes que compõem esses objetos/equipamentos tecnológicos. E a terceira, que conduz-nos a entendermos o mundo como um lar que deve e precisa de proteção, pois seus recursos são finitos, é um Planeta frágil, vulnerável. Seria esse, então, um lar ameaçado e passível de desaparecimento, além de que os seres humanos e todas as outras formas de vida podem, eventualmente, deixar de existir.

Entendemos importante frisar, entretanto, que para além da revista *National Geographic*, tais concepções de mundo já emergiram de imagens do globo terrestre, em outros momentos históricos e noutros suportes comunicacionais, como verificamos nos trabalhos de Denis Edmund Cosgrove (1994, 2001, 2008, 2010) e Verónica Carolina Hollman (2014).

A ideia de unicidade do Planeta Terra no Universo e que nele existe vida, por exemplo, foi comentada por Cosgrove, em 1994, no texto *Contested Global Visions: One-World, Whole-Earth, and the Apollo Space Photographs* (Visões globais contestadas: Um-Mundo, Toda-a-Terra e as fotografias espaciais da Apollo). Passados mais de 30 anos, conferimos que as imagens do globo seguem com o discurso da Terra como “um grande oásis na grande vastidão do espaço” (Cosgrove, 1994, p. 282 – tradução nossa). As imagens investigadas denotam e conferem ao Planeta Terra uma aura de unicidade, de organismo vivo, fértil, rico em recursos e também capaz de abrigar e sustentar

diversas formas de vida, inclusive a vida humana. Um lar – o nosso lar, em meio a outros corpos “sem vida” presentes no Universo.

Já a noção de que trata de um lar cercado por tecnologias e que, na atualidade, é ostensivamente visto, observado e vigiado do espaço, foi também comentada por Cosgrove em outros dois trabalhos (2001, 2010), em que discute a busca do homem por ver e representar graficamente – através de variados tipos de imagens, o mundo em sua completude.

Por fim, a percepção de que o Planeta Terra precisa ser protegido, pois é frágil, seus recursos são finitos, vulnerável, ou seja, é um lar com problemas ambientais, que está ameaçado e precisa de cuidados ensejou a discussão proposta por Hollman, em 2014. Na ocasião, a autora cita as imagens da Terra capturadas nas expedições à Lua no contexto do Programa *Apollo*, especificamente *Earthrise* e *Whole Earth [The Blue Marble]*, para afirmar que “essas duas imagens têm sido utilizadas em numerosas campanhas ambientais ao ponto de converterem-se em ícones da causa ambiental” (Hollman, 2014, p. 69 – tradução nossa). Ademais, a autora diz que tais fotografias, quando disseminadas, passaram a receber interpretações articuladas com variadas temáticas e, nesse contexto, o Planeta Terra passa a ser visto como “[...] um organismo vivo, e por conseguinte, regido pelas leis de uma ordem biológica, e também como um lugar único, pequeno, refúgio da vida, frágil, finito e solitário (Cosgrove, 2008; RYAN, 2013 apud Hollman, 2014, p. 70 – tradução nossa).

Inferimos, diante disso, que as narrativas visuais a respeito do Planeta Terra como nosso lar identificadas na revista *National Geographic* geram concepções de mundo que não são inéditas. Reforçam ideias já estabelecidas e disseminadas na grande mídia, e possivelmente refletem uma visão ocidental e capitalista do mundo, uma vez que revista *National Geographic* é uma das ramificações da *National Geographic Society*, organização estadunidense fundada “[...] em Washington D. C. por personalidades representativas do meio social, na maioria ocupantes de cargos públicos ou com notória influência na esfera política e econômica” (Souza, 2010, p. 8). Pressupomos, assim, que o periódico reproduz e fortalece, com o passar das décadas, imagens do globo terrestre sedimentadas em concepções de mundo pregressas e que, além de conhecidas, possivelmente já estejam consolidadas em seu público leitor, especialmente o estadunidense.

Consideramos que a educação geográfica sobre o mundo se efetiva a partir e junto de imagens, pois como afirma Chaves (2020, p. 3), o “nosso conhecimento perpassa o ato de olhar e, as imagens, em virtude de seu caráter ilustrativo, são uma das principais responsáveis pela

construção de nossa concepção de mundo”. Além disso, “além de informar e ilustrar, as imagens nos educam e produzem em nós conhecimentos e sentidos sobre o mundo” (Chaves, 2020, p. 4). As imagens do globo terrestre, por sua vez, são costumeiramente utilizadas na educação geográfica, pois articulam-se de forma sobremaneira com a Geografia como campo do conhecimento, já que, como afirma Cosgrove (1994, p. 2), trata-se de uma ciência que tem na “[...] Terra inteira seu principal objeto de estudo” e que, inclusive, “[...] reivindica particularmente o globo. Sua tarefa intelectual é, por definição, descrever a superfície do globo” (Cosgrove, 2001, p. IX – tradução nossa).

Depreendemos que as imagens do globo terrestre disseminadas pela revista *National Geographic* extravasam a finalidade de representação gráfica do Planeta Terra, mas ecoam em efeitos associados à noção de um Planeta único, que é abrigo da vida, intensamente envolto e vigiado por tecnologias, com recursos finitos, vulnerável e passível de desaparecimento. Esta última, inclusive, é imbuída em um viés de responsabilização do ser humano por essa tragédia anunciada. Entretanto, tais narrativas sobre o mundo atrelam-se intimamente às intencionalidades particulares do periódico em promover determinado modo de ver, ler e compreender o mundo.

Pautamo-nos em uma corrente de pensamento que define que “[...] à educação geográfica cabe criar possibilidades de ver, ler e pensar o mundo, a organização espacial, a partir de seus contrastes e contradições [...] numa perspectiva crítica e plural” (Desiderio, 2017, p. 10). As imagens movimentadas neste texto, por sua vez, incitam a concebermos o mundo a partir de três perspectivas específicas, ou seja, são recursos imagéticos que nos educam visualmente sobre o Planeta Terra conduzindo-nos à construção de determinadas visões, leituras e entendimentos sobre ele.

À vista disso, presumimos que as concepções de mundo que ecoam das imagens em questão implicam em uma educação geográfica sobre o mundo limitada à reprodução de discursos já instituídos e ainda atrelada à uma prática empobrecida de perpetuação de conhecimentos sobre o mundo já difundidos e sedimentados, sobretudo pela grande mídia. Em contrapartida, com Massey (2017), somos instigados a examinar as imaginações geográficas [visões, leituras e compreensões de mundo] que se estruturam a partir dos nexos de poderosos conglomerados de mídia internacionais. Inclusive, uma de nossas muitas habilidades como professores de Geografia é a de mostrar, por vezes, “[...] a irrelevância dessas imaginações geográficas e submetê-las a interrogatório” (Massey, 2017, p. 37).

Inferimos, assim, que as concepções de mundo que se constroem a partir de imagens devem partir de abordagens, especialmente quando conduzidas por nós – professores, que considerem múltiplas perspectivas, pautadas constantemente num olhar crítico para as imagens e para os espaços e os lugares que nelas são visibilizados. Ou melhor, temos a prerrogativa de conduzir abordagens que considerem espaços e lugares nelas expostos como “[...] nos termos de Doreen Massey (2008), uma singular constelação de trajetórias heterogêneas em interações inevitáveis produtoras de constantes devires que [implicam] em aberturas naquele lugar, tornando-o não representável” (Oliveira Jr., 2023, p. 4). Em outras palavras, cabe a nós conduzir narrativas sobre o mundo, a partir e junto com imagens, que problematizem os espaços e lugares, inclusive a Terra como nossa casa, que abarquem mais de um ponto de vista e que promovam a noção de que a complexidade que envolve o Planeta e suas porções não é integralmente transmitida nem exposta em imagens.

## 5 NOTAS FINAIS

Para atravessar as fronteiras que nos limitam a um uso das imagens do globo terrestre que repercute, essencialmente, na reprodução de discursos dominantes sobre o mundo e na perpetuação de conhecimentos já difundidos e sedimentados, sobretudo por poderosos veículos comunicacionais, é preciso que nos atentemos à observar os nossos modos de olhar para esses recursos imagéticos. Tarefa que, ainda que dispendiosa de tempo e estudo, enseja-se em nosso compromisso ético como docentes e investigadores.

Interessa-nos uma educação geográfica que promova pensamentos outros sobre o mundo e que conduza os estudantes a estabelecerem concepções heterogêneas e críticas sobre ele. Para o deslindar desse anseio, é preciso ter atenção às narrativas [visuais] implícitas às imagens que utilizamos para impulsionar a educação geográfica, especialmente quando esses recursos didático-visuais são provenientes de conglomerados de mídia como a revista *National Geographic*, que dissemina a milhões de pessoas sua particular ótica sobre o mundo. Nesse sentido, é necessário que busquemos munir nossos estudantes de ferramentas para a contestação de narrativas pré-estabelecidas, tendo em conta que a repetição de figuras já conhecidas não colabora com esse propósito.

Outras concepções de mundo podem ser construídas a partir e junto de imagens por nossos estudantes em consequência de nós, professores, construirmos outras narrativas sobre o mundo com esses recursos. Essas narrativas outras – por assim dizer, funcionam como resistência ao que nos é oferecido à primeira vista nas imagens divulgadas por poderosos transmissores de informações. Movimento extremamente desafiador neste momento histórico em que as imagens estão por toda parte e, inclusive, encontram-se intensamente presentes no meio escolar. Gesto que perpassa o ato de olhar para as imagens que elegemos para promover a educação geográfica e, para além disso, pela reflexão a respeito das concepções de mundo que originam.

Neste estudo, almejamos lançar olhares atentos para as imagens do globo terrestre veiculadas pela revista *National Geographic* e vislumbrar nessas representações gráficas indícios de narrativas visuais sobre o mundo que possam influenciar em como concebemos o Planeta em que vivemos. Além disso, propomos a reflexão sobre como as narrativas visuais e as concepções de mundo que originam podem reverberar na educação geográfica.

A leitura arqueogenealógica das imagens empreendida, nesse sentido, resvalou na identificação de três ênfases de narrativas visuais atreladas à tônica do Planeta Terra como nosso lar, que levaram à conclusão de que as imagens divulgadas pela revista extrapolam a função de representação gráfica do nosso mundo, mas ecoam em efeitos associados à perpetuação e o reforço, ao longo das décadas, de concepções de mundo já conhecidas. Tais noções, possivelmente refletem uma visão ocidental e capitalista do mundo e atendem às particulares intencionalidades do periódico. Essa proliferação de imagens que seguem determinados vieses discursivos contrapõe-se a uma educação geográfica calcada em uma perspectiva crítica e plural e colocam em alerta professores e investigadores em Geografia quando do uso desses recursos imagéticos que intensificam ideias já disseminadas e limitam a educação geográfica à determinados pontos de vista. Ademais, o trabalho corrobora a necessidade de as imagens que embasam o conhecimento geográfico estarem, constantemente, diante de nossos olhos investigativos.

## 6 REFERÊNCIAS

CHAVES, A. P. N. Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, vol. 24, p.1-12, 2020.

COSGROVE, D. E. Contested Global Visions: One-World, Whole-Earth, and the Apollo Space Photographs. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 84, n. 2, p. 270- 294, 1994.

COSGROVE, D. E. **Apollo's Eye - A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination**. United States of America: The Johns Hopkins University Press, 2001. 351 p.

COSGROVE, D. E. **Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World**. London: I.B.Tauris & Co Ltd, 2008. 273 p.

COSGROVE, D. E.; FOX, W. L. **Photography and Flight**. London: Reaktion Books Ltd, 2010. 147 p.

DESIDERIO, R. T. **Composições e afetos com Fotoáfricas: exercícios de pensamento**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. 144p.

FARGE, A. **O Sabor do Arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 120 p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203-222.

FOUCAULT, M. O a priori histórico e o arquivo. *In*: FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 143-149.

HOLLMAN, Verónica Carolina. Geografía y cultura visual: apuntes para la discusión de una agenda de indagación. **Estudios Socioterritoriales: Revista de Geografía, La Pampa**, n. 7, p. 120-135, 2007.

HOLLMAN, V. C. Los contextos de las imágenes: un itinerário metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 61-83, 2014.

MASSEY, D. B. A Mente Geográfica. **GEOgraphia**, Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Reparar (n)o lugar através do cinema: como fazer do lugar-escola uma floresta? **Revista Punto Sur**, Instituto de Geografia/FFyL/Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, p. 94 – 114, 2023.

ROSE, G. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a Geografia é “visual”? **Espaço e Cultura** - UERJ, Rio de Janeiro, n°. 33, p. 197-206, 2013.

SOUZA, D. R, M. A fotografia enquanto representação do real: a identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic. **Observatorio (OBS\*)**, [s.l.], v. 4, p. 117-137, 2010.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington, D.C.: National Geographic, v. 167, n. 1, 1985.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington, D.C.: National Geographic, v. 144, n. 3, 1973.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington, D.C.: National Geographic, v. 233, n. 3, 2018.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington, D.C.: National Geographic, v. 160, n. 1, 1981.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington, D.C.: National Geographic, v. 168, n. 2, 1985.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington, D.C.: National Geographic, v. 222, n. 1, 2012.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington D. C.: National Geographic, exemplar/volume 233, nº 2, 2018.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Washington D. C.: National Geographic, exemplar/volume 218, nº 1, 2010.

*Data de recebimento: 07 de junho de 2024.*

*Data de aceite: 13 de agosto de 2024.*